

**A PRAÇA E A SOCIABILIDADE:
DESENHANDO ESPAÇOS DE USO COLETIVO A PARTIR DE JANE JACOBS**

Patrícia Dalmina de Oliveira¹

Vivian Dall'Igna Ecker²

Danieli Maria Schaefer³

Revista Infinity

Edição 2021, Vol. 6, n. 1.

¹ Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Mestrado Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade pela Universidade Federal de Santa Catarina.

² Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade pela Universidade Federal de Santa Catarina.

³ Graduada em Arquitetura pela Universidade do Oeste de Santa Catarina.

Ao pensar no desenho urbano de uma praça paira sobre o projetista dúvidas e incertezas, visto que este espaço, conforme Bonduki (2010, p. 54), é um aglutinador de vida urbana. A praça pode ser composta por monumentos religiosos ou civis de grande valor artístico e arquitetônico, espaços de lazer e recreação ou espaços de relaxamento e bem-estar, mas sobretudo as praças foram e são palco de festas religiosas, manifestações sociais e políticas, e encontros.

Jane Jacobs abordou em seu livro *Morte e Vida das Grandes Cidades* sobre o fracasso de alguns pequenos parques urbanos, escalas que se assemelham muitas vezes em praças, tal fracasso, muitas vezes foram associados ao desenho urbano das praças, bem como sobre o seu entorno.

Desenhar praças é um trabalho complexo que exige análise do entorno, conhecimento sobre a população que irá usufruir deste espaço, formas e traçados, além do paisagismo e dos princípios artísticos. Há diversos urbanistas que nos últimos anos desenvolvem estudos relacionados a apropriação do espaço público, podemos citar Jan Gehl, Jeff Speck, Philippe Panerai, entre outros, mas ainda há os que se atentem as questões artísticas desses espaços, tendo como destaque o urbanista Camillo Sitte (1843 – 1903), crítico da composição das praças modernas, e ainda aqueles que estudam a paisagem e a imagem dos espaços como Kelvin Lynch e Gordon Cullen.

Este paper visa compilar algumas leituras realizadas em relação as praças, espaços públicos e os princípios para o desenvolvimento de espaços urbanos que incentivem a sociabilidade e apropriação urbana, levando em conta os princípios artísticos que são eminentes e extremamente valorizados na área da arquitetura e urbanismo.

Para iniciar a abordagem, optou-se por amparar-se no estudo de Jane Jacobs (2011), em especial no seu capítulo: Os usos dos parques de bairro, onde a mesma avalia alguns parques de menor porte, as quais poderiam ser considerados em alguns casos como praças, exemplo, o Rockefeller Plaza, New York.

Assim, para entender porque algumas praças/parques são bem sucedidas e outros não, Jacobs (2011) analisa alguns princípios básicos que afetam profundamente todos as praças/parques urbanos.

Além do mais, a compreensão desses princípios ajuda a entender um pouco as influências presentes em parques urbanos de todo tipo – de espaços que funcionam como extensão de ruas a parques amplos com as grandes atrações de uma metrópole, como zoológicos, lagos, bosques e museus (JACOBS, 2011, p. 99).

As praças/parques de bairros revelam certos princípios gerais de desempenho dos parques com maior clareza, pois são os mais numerosos. “Normalmente se destinam ao uso trivial em geral, como pátios públicos, seja a localidade predominantemente ligada ao trabalho, predominantemente residencial, ou uma grande mistura (JACOBS, 2011, p. 99)” A praça tende a se enquadrar no uso de categoria geral, como espaço público. Assim para desenvolver a análise, a autora analisou diversas praças e parques, chegando na seguinte conclusão:

- Os parques urbanos não conseguem de maneira alguma substituir a diversidade urbana plena.
- Concepções artísticas podem atrair frequentadores para apreciá-las, porém somente uma vizinhança diversificada pode induzir a permanência e uso.
- A variação arquitetônica pode parecer diversidade, mas só uma conjuntura de genuína de diversidade econômica e social, pode resultar em pessoas com horários diferentes.
- Os parques de bairros bem-sucedidos raramente têm a concorrência de outras áreas livres.

Em relação ao projeto dos praças/parques pode-se dizer que conforme a autora para estes serem bem sucedidos deve-se utilizar de quatro elementos base, complexidade, centralidade, insolação e delimitação espacial, especifica-se:

- **Complexidade:** diferentes motivos para frequentar os parques de bairros; assistir, jogar, ler, trabalhar, encontrar amigos, apaixonar. A autora destaca que se

o espaço pode ser apreendido de relance, e os segmentos forem igual aos outros, e transmitir a mesma sensação em todos os lugares, o parque pouco será estimulante para usos diversos. Instigar a complexidade visual, mudanças de nível de piso, agrupamentos de árvores, espaços com perspectivas variadas, diferenças sutis. As diferenças sutis são acentuadas pelas diferenças de usos que nela proliferam.

- **Centralidade:** O parque pequeno e bom geralmente tem um lugar reconhecido por todos como sendo como centro – no mínimo um cruzamento principal e ponto de parada, num local de destaque. Usado sem distinção por quem são os atores, alguns são mais do que isso, tocadores, dançarinos. Os centros servem de palcos as pessoas.
- **Insolação:** O sol, faz parte do cenário para as pessoas, claro sob uma sombra no verão. Um edifício alto que corte a passagem da luz do sol no lado sul de um parque pode compromete-lo seriamente. Exemplo disso é o Rittenhouse Square - “numa tarde gostosa de outubro, por exemplo quase um terço da praça fica vazio pela sombra de um edifício, enorme apagador de seres humanos (JACOBS, 2011, p.115).”
- **Delimitação espacial:** Conforme a autora, ao frequentar estes espaços procura-se um cenário feito para as pessoas não para os edifícios, assim, as praças/parques, devem possuir seus espaços em primeiro plano e não ao contrário.

Sobre a delimitação do espaço pode-se relacionar com Bonduki (2010, p. 55) ao relatar as praças coloniais como harmoniosas, visto que estas eram em sua maioria rodeadas por prédios e não por ruas. “A praça nos núcleos históricos brasileiros, assim como nas cidades medievais e renascentistas, é o resultado do efeito harmonioso de um conjunto formado pela relação entre o espaço livre e as construções que o envolvem.”

Neste caso os edifícios atuavam como verdadeiros chamariz da população, visto que, estas iriam até a localidade em prol da função do edifício em muitos casos. Bonduki (2010, p. 55) destaca que estes edifícios eram feitos como verdadeiras obras de arte e por isso que a vida pública florescia. “ Graças a sua função, os edifícios do entorno das praças – igrejas, palácios governamentais, casas legislativas, repartições, prestadoras de serviços públicos e casas comerciais – sempre atraíram a população de todas as classes sociais, transformando o lugar em principal ponto de referência e motivo de orgulho da cidade) ”.

Logo percebe-se que, se os edifícios forem bem articulados com as praças e parques estes podem atuar como potencializadores da vivência urbana, porém destaca-se o que a Jacobs (2011) explana: os parques devem ser o plano principal, não os edifícios.

Destaca-se ainda, a relação que Jacobs (2011) faz alguns apontamentos sobre as praças e parques que por si só seriam incapazes seja por localização, tamanho, ou traçado de propiciar vitalidade urbana. Segue-se algumas dicas:

Praças pequenas: Se forem pequenos, podem ser trabalhados para serem visualmente agradáveis. Pequenos espaços verdes repassam a sensação de frescor, mesmo estando em uma possível selva de pedra urbana. Porém as praças/parques que estejam na malha urbana apenas para agradar os olhos, sem outras finalidades, devem estar onde os olhos vejam, e devem ser necessariamente pequenos para cumprir essa função, devem ser feitos com beleza e intensidade.

Praças específicas: Em caso de praças/parques genéricos não serem sustentados pelos seus usos derivados de uma diversidade natural e intensa vizinhança, estes espaços precisam ser convertidos em específicos. Neste caso, só a vivência e as tentativas podem indicar a combinação de atividades certas, mas pode-se citar aqui algumas atividades como: quadras de esportes, espaços para música, teatro, em alguns locais natação e pescaria. Conforme a autora, faltam nas praças/parques espaços que possam ser utilizados para atividades especializadas, como as quadras, que muitas vezes estão locadas apenas nos grandes parques urbanos.

Muitas vezes conforme Jacobs (2011) tem-se a ilusão que a quantidade equivale a qualidade, assim, são feitos diversos parques, praças, playgrounds e vazios urbanos extensos, abundantes porém mal localizados, monótonos e incômodos de usar. As praças e pequenos parques não devem ser vistos como abstrações ou repositórios automáticos, eles não apresentam significados se forem desassociados das influências concretas dos bairros e dos usos que os afetam. Assim, os usos no entorno devem ser mesclados, bem como, os espaços devem apresentar os já tão citados: olhos para rua.

Quanto mais a cidade conseguir mesclar a diversidade de usos e usuários do dia a dia nas ruas, mais a população conseguirá animar e sustentar com sucesso e naturalidade (e também economicamente) os parques bem localizados, que assim poderão dar em troca à vizinhança prazer e alegria, em vez de sensação de vazio (JACOBS, J. 2011, p. 121).

Por fim, após a análise do capítulo de Jane Jacobs (2011) entende-se que os princípios elencados pela autora para espaços vivos nas cidades americanas podem ser seguidos também no Brasil, porém para isso, é necessário investigar a relação existente nas praças e parques, visto que, temos relações culturais diferenciadas.

Além disso, destaca-se os outros ensinamentos que venham a complementar e instigar o pensamento crítico na produção de praças e parques, como dos urbanistas anteriormente citados, Jeff Speck, Jan Gehl, Kelvin Lynch, entre outros. Observa-se que este assunto apresenta um vasto e rico material que precisa ser descoberto, lido, analisado e amparado em pesquisas acadêmicas para ter um conhecimento apropriado a realidade brasileira, e as nossas cidades, que devido a nossa dimensão territorial também apresentam diferentes variáveis.

Referências bibliográficas

BONDUKI, Nabil. **Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos**. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2010.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.